



OLHAR GRAÇA MORAIS





A MENINA GAIVOTA EM DIAS DE NEVOIRO § PORMENOR



# OLHAR GRAÇA MORAIS

  
São Roque  
ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE

RUA DE S. BENTO, 199B, 1250-219 LISBOA § T+F 213 960 734 § T 962 363 260 § E ANTIGUIDADESSROQUE@SAPO.PT § WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM



## GRAÇA MORAIS

Nasce em 1948, Vieiro, Trás-os-Montes. Conclui o Curso de Pintura na Escola Superior de Belas-Artes no Porto, em 1971.

Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, de 1976 a 1979.

Actualmente vive e tem o *atelier* em Lisboa.

Inauguração do Centro de Arte Contemporânea Graça Morais em Bragança em 2008, projecto de Souto Moura, onde está patente uma exposição permanente da artista, com obras de 1982 a 2005.

Intervenções artísticas em espaços públicos (selecção): painel de azulejos na estação de Metropolitano de Bielorrússia – Moscovo e da Falagueira – Amadora, estação de Caminhos de Ferro do Fogueteiro – Seixal, sede da Caixa Geral de Depósitos – Lisboa, Mercado Municipal de Bragança, Biblioteca Municipal de Carrazeda de Ansiães, Caixa de Crédito Agrícola de Bragança, Teatro Municipal de Bragança, Escolas Monsenhor Jerónimo do Amaral e Miguel Torga em Bragança. Referimos ainda os painéis do Viaduto de Rinchoa – Rio de Mouro, do Centro de Astrofísica e Planetário do Porto e da Central Hidroelétrica de Vilar de Frades – Vieira do Minho.

Colaboração e ilustração em obras de poetas e escritores: Agustina Bessa-Luís; José Saramago; Miguel Torga; Sophia de Mello Breyner Andresen; Pedro Tamen; António Alçada Baptista; Manuel António Pina; Nuno Júdice; Clara Pinto Correia; José Fernandes Fafe; António Osório; Ana Marques Gastão; José Carlos de Vasconcelos, entre outros.

Graça Morais está representada em inúmeras colecções públicas e privadas: Assembleia da República, Câmara Municipal de Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, C.A.M. – Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Serralves, Fundação Luso-Americana, Ministério das Finanças, Casa-Museu Anastácio Gonçalves, Museu de Angra do Heroísmo, Museu Municipal de Vila Flor, Museu Abade de Baçal de Bragança, Museu de Arte Moderna de São Paulo – Brasil, Millennium-BCP, Banco Espírito Santo, Banco Português de Negócios, Montepio Geral, Caixa Geral de Depósitos, Caixa de Crédito Agrícola de Bragança, Fundação Mário Soares, Colecção Manuel de Brito, Colecção da Fundação Paço D’ Arcos, Culturgest, Cooperativa Árvore Colecção do Centro de Arte Contemporânea Graça Morais.

## EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS (selecção)

1974 Museu Alberto Sampaio, Guimarães
1976 Galeria Dois, Porto
Museu Alberto Sampaio, Guimarães
1978 Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris
1980 Galeria de Arte Moderna, SNBA, Lisboa
Cooperativa Árvore, Porto
1981 Galeria Roma e Pavia, Porto
1983 Galeria 111, Lisboa
Museu do Abade de Baçal, Bragança
Câmara Municipal, Macedo de Cavaleiros
1984 Museu da Casa Nogueira da Silva, Braga
Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa
Museu de Arte Moderna de São Paulo
1985 Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Palácio Hospital Real, Universidade de Granada
Imprensa Nacional, Lisboa
1986 Centro de Artes Plásticas, Coimbra
1987 Museu do Abade de Baçal, Bragança
Galeria 111, Lisboa
1988 Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris
1989 Centro Cultural Português, Praia e Mindelo, Cabo Verde
1990 Galeria 111, Lisboa
Pavilhão do Jardim Lou Lim Loc, Macau
1991 Galeria 111, Lisboa e Galeria Zen, Porto
Museu do Abade de Baçal, Bragança
Museu Municipal Armindo Teixeira Lopes, Mirandela
1992 *Exposição Antológica*, Prémio Soctip Artista do Ano 1991, Centro de Arte Soctip, Lisboa
Galeria Zen, Porto
Kimberly Gallery, Washington e Scott Allan Gallery, New York
1993 *10 Anos de Pintura 1982-1992*, Paço dos Duques de Bragança, Guimarães
*Pintura – Desenho*, Centro de Estudos Judiciários, Lisboa
*Japão – Diário de Viagem*, Galeria 111, Lisboa
1994 *Pintura 1982-1992*, Cooperativa Árvore, Porto e Mitra, Lisboa
*Biombos*, Central Tejo – Museu da Electricidade, Lisboa
*O Espírito da Oliveira*, Museu Alberto Sampaio, Guimarães
*Graça Morais na Colecção da Fundação Paço D’Arcos*, Museu da Água, Lisboa
1995 *As Escolhidas*, Galeria 111, Lisboa
1996 *Antologia 1982-1995*, Casa do Corpo Santo, Casa de Bocage e Museu do Trabalho Michel Giacometti, Setúbal
1997 *Memória da Terra/Retrato de Mulher*, Culturgest, Lisboa e Museu Soares dos Reis, Porto
*Desenho – Pintura 1982-1997*, Inst. Açoriano de Cultura, Palácio dos Capitães Gerais, Angra do Heroísmo
Desenho – Pintura 1982-1997, Angra do Heroísmo e Academia das Artes dos Açores, Ponta Delgada
1998 *Cabo-Verde. O Espírito do Lugar*, Museu Alberto Sampaio, Guimarães
*Rostos da Terra*, Alfândega de Fé, Mirandela, Vila-Flor, Carrazeda de Ansiães e Macedo de Cavaleiros
*Pintura e Desenho 1982-1997*, Centro Cultural Emmérico Nunes, Sines
*Geografias do Sagrado*, Galeria 111, Porto
*Caretos*, Galeria de Arte J. Gomes Alves, Guimarães
1999 *Geografias do Sagrado*, Pallazo Geremia e Pallazo Trentini, Trento
*Exposição Antológica*, Palácio Foz, Lisboa
2000 *Terra Quente – O Fim do Milénio*, Galeria 111, Lisboa
2001 *Terra Quente – Peinture et Dessin 1999-2001*, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, Paris
*Les Déesses de la Montagne*, Instituto Camões, Paris
2002 *A Idade da Terra*, Galeria 111, Lisboa

Galeria Municipal Lagar de Azeite, Oeiras

Deusas da Montanha, Biblioteca Municipal de Carrazeda de Ansiães e Centro Cultural de Vila Flor

Pintura e Desenho 1999-2003, Fundação da Casa de Mateus

A Terra e o Tempo, Museu da República Arlindo Vicente, Aveiro

2004/5 Visitação, Galeria 111, Lisboa e Porto
Os Olhos Azuis do Mar, Centro de Artes de Sines, Sines

2005/6 Retratos e Auto-Retratos, Centro Cultural de Cascais e Teatro Municipal da Guarda
Diálogos com a Terra, G. Ratton, Lisboa

2007 Graça Morais na Colecção da Fundação Paço d’Arcos, Pintura, Desenho e Azulejo (1982 a 2006), Cordoaria Nacional, Lisboa
Silêncios, Biblioteca Municipal de Chaves e Museu Municipal de Amadeo de Souza-Cardoso, Amarante
Orpheu e Eurydice, Paços da Cultura de S. João da Madeira e Casa da Cultura de Trofa
In Sofrimento, Museu Municipal, Edifício Chiado, Coimbra

2008 Pintura e Desenho 2007, Galeria 111, Porto
Pinturas e Desenhos 2008, Galeria DN, Lisboa e Galeria JN, Porto
Desenhos do Mar e da Terra, 1983-2007, Graça Morais na Fundação Júlio Resende, Lugar do Desenho, Porto
Pintura e Desenho 1982-2005, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança

2009 Sagrado e Profano, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança
A Máscara e o Tempo, Galeria Ratton, Lisboa

2010 A Procissão, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança
Graça Morais na Colecção Manuel de Brito, CAMB, Palácio Anjos, Alгés
Retratos e Auto-Retratos, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança

1995 Colecção Manuel de Brito – Imagens da Arte Portuguesa do Século XX, Leal Senado, Fórum, Macau, Museu de Arte de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Artistas Portugueses do Século XX, Casa do Povo, Cidade Proibida, Pequim
Waves of Influence, Cinco Séculos do Azulejo Português, Everson Museum of Art, E.U. A.
FAC’95, Galeria 111, Paris

1996 Colecção Mário Soares, Museu do Chiado, Lisboa
Waves of Influence, Cinco Séculos do Azulejo Português, Museum of Art, Rhode Island
FAC’96, FORUM 96, Galeria 111

1998 ARCO’ 98, Galeria 111, Madrid
O que há de Português na Arte Portuguesa do Século XX, Palácio Foz, Lisboa
Arte Contemporânea Anos 60 /90, Galeria 111, Porto e Lisboa
Figures from a Collection, F.C.G., Galeria de Arte da China, Beijing

1999 ARCO’99, Galeria 111, Madrid
Five Portuguese Painters, Guinness Hopstore, Dublin
Auto do Nascimento – Leituras da Carta de Pêro Vaz de Caminha e Outros Tesouros, Palácio de Belém, Lisboa
Auto do Nascimento – Leituras da Carta de Pêro Vaz de Caminha e Outros Tesouros, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa; Museu dos Transportes e Comunicações, Alfândega do Porto
ARCO’00, Galeria 111, Madrid

Diez Artistas Portugueses Contemporâneos, Colecção Manuel de Brito, Museo de la Ciudad, Madrid
8 Pintoras Portuguesas, Fundação Bissaya Barreto, Coimbra
Portugal: La mirada cercana, Fundación Provincial de Artes Plásticas Rafael Boti, Córdova

2002 ARCO’02, Galeria 111, Madrid
100 Anos, 100 Artistas, S.N.B.A., Lisboa
Azulejos - 12 Artistas Portugueses Contemporâneos, Galeria da Livraria Portuguesa, Macau

2003 ARCO’03, Galeria 111, Madrid
Colecção de Arte Contemporânea da Caixa Geral de Depósitos, Museo Extremeño de Arte Contemporáneo, Badajoz

2004 ARCO’04, Galeria 111, Madrid

2005 ARCO’05, Galeria 111, Madrid

2006 ARCO’06, Galeria 111, Madrid
Exposição Inaugural do Centro de Arte Manuel de Brito, Palácio Anjos, Alгés

## EXPOSIÇÕES COLECTIVAS (selecção)

1995 *Colecção Manuel de Brito – Imagens da Arte Portuguesa do Século XX*, Leal Senado, Fórum, Macau, Museu de Arte de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
*Artistas Portugueses do Século XX*, Casa do Povo, Cidade Proibida, Pequim
*Waves of Influence, Cinco Séculos do Azulejo Português*, Everson Museum of Art, E.U. A.
FAC’95, Galeria 111, Paris

1996 Colecção Mário Soares, Museu do Chiado, Lisboa
*Waves of Influence, Cinco Séculos do Azulejo Português*, Museum of Art, Rhode Island
FAC’96, FORUM 96, Galeria 111

1998 ARCO’ 98, Galeria 111, Madrid
*O que há de Português na Arte Portuguesa do Século XX*, Palácio Foz, Lisboa
*Arte Contemporânea Anos 60 /90*, Galeria 111, Porto e Lisboa
*Figures from a Collection*, F.C.G., Galeria de Arte da China, Beijing

1999 ARCO’99, Galeria 111, Madrid
*Five Portuguese Painters*, Guinness Hopstore, Dublin
*Auto do Nascimento – Leituras da Carta de Pêro Vaz de Caminha e Outros Tesouros*, Palácio de Belém, Lisboa
*Auto do Nascimento – Leituras da Carta de Pêro Vaz de Caminha e Outros Tesouros*, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa; Museu dos Transportes e Comunicações, Alfândega do Porto
ARCO’00, Galeria 111, Madrid

2001 *8 Pintoras Portuguesas*, Fundação Bissaya Barreto, Coimbra
*Portugal: La mirada cercana*, Fundación Provincial de Artes Plásticas Rafael Boti, Córdova

2002 ARCO’02, Galeria 111, Madrid
*100 Anos, 100 Artistas*, S.N.B.A., Lisboa
*Azulejos - 12 Artistas Portugueses Contemporâneos*, Galeria da Livraria Portuguesa, Macau

2003 ARCO’03, Galeria 111, Madrid
*Colecção de Arte Contemporânea da Caixa Geral de Depósitos*, Museo Extremeño de Arte Contemporáneo, Badajoz

2004 ARCO’04, Galeria 111, Madrid

2005 ARCO’05, Galeria 111, Madrid

2006 ARCO’06, Galeria 111, Madrid
*Exposição Inaugural do Centro de Arte Manuel de Brito*, Palácio Anjos, Alгés

Galeria Municipal Lagar de Azeite, Oeiras
2003 *Deusas da Montanha*, Biblioteca Municipal de Carrazeda de Ansiães e Centro Cultural de Vila Flor
*Pintura e Desenho 1999-2003*, Fundação da Casa de Mateus
*A Terra e o Tempo*, Museu da República Arlindo Vicente, Aveiro

2004/5 *Visitação*, Galeria 111, Lisboa e Porto
*Os Olhos Azuis do Mar*, Centro de Artes de Sines, Sines

2005/6 *Retratos e Auto-Retratos*, Centro Cultural de Cascais e Teatro Municipal da Guarda
*Diálogos com a Terra*, G. Ratton, Lisboa

2007 *Graça Morais na Colecção da Fundação Paço d’Arcos, Pintura, Desenho e Azulejo (1982 a 2006)*, Cordoaria Nacional, Lisboa
*Silêncios*, Biblioteca Municipal de Chaves e Museu Municipal de Amadeo de Souza-Cardoso, Amarante
*Orpheu e Eurydice*, Paços da Cultura de S. João da Madeira e Casa da Cultura de Trofa
*In Sofrimento*, Museu Municipal, Edifício Chiado, Coimbra

2008 *Pintura e Desenho 2007*, Galeria 111, Porto
*Pinturas e Desenhos 2008*, Galeria DN, Lisboa e Galeria JN, Porto
*Desenhos do Mar e da Terra, 1983-2007, Graça Morais na Fundação Júlio Resende*, Lugar do Desenho, Porto
*Pintura e Desenho 1982-2005*, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança

2009 *Sagrado e Profano*, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança
*A Máscara e o Tempo*, Galeria Ratton, Lisboa

2010 *A Procissão*, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança

*Graça Morais na Colecção Manuel de Brito*, CAMB, Palácio Anjos, Alгés
*Retratos e Auto-Retratos*, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança

**EXPOSIÇÕES COLECTIVAS (selecção)**

1995 *Colecção Manuel de Brito – Imagens da Arte Portuguesa do Século XX*, Leal Senado, Fórum, Macau, Museu de Arte de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
*Artistas Portugueses do Século XX*, Casa do Povo, Cidade Proibida, Pequim
*Waves of Influence, Cinco Séculos do Azulejo Português*, Everson Museum of Art, E.U. A.
FAC’95, Galeria 111, Paris

1996 Colecção Mário Soares, Museu do Chiado, Lisboa
*Waves of Influence, Cinco Séculos do Azulejo Português*, Museum of Art, Rhode Island
FAC’96, FORUM 96, Galeria 111

1998 ARCO’ 98, Galeria 111, Madrid
*O que há de Português na Arte Portuguesa do Século XX*, Palácio Foz, Lisboa
*Arte Contemporânea Anos 60 /90*, Galeria 111, Porto e Lisboa
*Figures from a Collection*, F.C.G., Galeria de Arte da China, Beijing

1999 ARCO’99, Galeria 111, Madrid
*Five Portuguese Painters*, Guinness Hopstore, Dublin
*Auto do Nascimento – Leituras da Carta de Pêro Vaz de Caminha e Outros Tesouros*, Palácio de Belém, Lisboa
*Auto do Nascimento – Leituras da Carta de Pêro Vaz de Caminha e Outros Tesouros*, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa; Museu dos Transportes e Comunicações, Alfândega do Porto
ARCO’00, Galeria 111, Madrid

2001 *8 Pintoras Portuguesas*, Fundação Bissaya Barreto, Coimbra
*Portugal: La mirada cercana*, Fundación Provincial de Artes Plásticas Rafael Boti, Córdova

2002 ARCO’02, Galeria 111, Madrid
*100 Anos, 100 Artistas*, S.N.B.A., Lisboa
*Azulejos - 12 Artistas Portugueses Contemporâneos*, Galeria da Livraria Portuguesa, Macau

2003 ARCO’03, Galeria 111, Madrid
*Colecção de Arte Contemporânea da Caixa Geral de Depósitos*, Museo Extremeño de Arte Contemporáneo, Badajoz

2004 ARCO’04, Galeria 111, Madrid

2005 ARCO’05, Galeria 111, Madrid

2006 ARCO’06, Galeria 111, Madrid
*Exposição Inaugural do Centro de Arte Manuel de Brito*, Palácio Anjos, Alгés

- 2007 *ARCO'07*, Galeria 111, Madrid
- 2008 *Olhares no Feminino*, Galeria 111, Casa Museu Bissaya Barreto, Coimbra  
*À Volta do Papel*, CAMB, Palácio Anjos, Algés
- 2009 *Anos 90*, CAMB, Palácio Anjos, Algés  
*Anos 70 Atravessar Fronteiras*, CAM, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa  
*Arte Partilhada Millennium BCP, Exposição Itinerante de Pintura*,  
Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança, Aveiro, Évora e Funchal
- 2010 *Arte Ponto por Ponto*, Tapeçarias de Portalegre, Centro Cultural de Cascais

#### BIBLIOGRAFIA (resumo)

- 1976 *Espaço Pictural, Espaço Mental*; Egídio Álvaro; Museu Alberto Sampaio; Guimarães
- 1978 *Mémoire d'une Réalité qui Fuit*; Egídio Álvaro; Fundação Calouste Gulbenkian; Paris
- 1980 *O Rosto e os Frutos*; Fernando de Azevedo; S.N.B.A.; Lisboa
- 1983 *Graça, depois do Rosto e os Frutos*; Fernando de Azevedo; Galeria 111
- 1984 *Graça Morais, Mapas e o Espírito da Oliveira*; José Sommer Ribeiro, Bruno Musatti,  
Fernando de Azevedo e Frederico Morais; MAM São Paulo/MAM Rio de Janeiro
- 1985 *Graça Morais, Linhas da Terra*; António Mega Ferreira; Monografia; INCM
- 1987 *Evocações e Êxtases*; Sílvia Chicó, Fernando de Azevedo e António Barahona; Galeria 111
- 1991 *Graça Morais, Artista do Ano*; vários autores; Prémio Soctip 1991; Soctip  
*Graça Morais*; Sílvia Chicó e Lídia Jorge; Museu do Abade de Baçal; Bragança
- 1992 *Graça Morais*; Ruth Rosengarten; Kimberly Gallery; Washington e Scott Alan Gallery; NY
- 1995 *As Escolhidas*; Graça Morais, Manuel Hermínio Monteiro; Ed. Assirio e Alvim
- 1996 *Antologia 1982-1995*; Fernando António Baptista Pereira; CM Setúbal
- 1997 *Cães*; Pedro Tamen; Galeria Ratton  
*Graça Morais*; Vasco Graça Moura e Sílvia Chicó; Quetzal/Galeria 111  
*Memória da Terra/Retrato de Mulher: Exposição Antológica de Graça Morais*; F. Pernes, F. Azevedo,  
Sílvia Chicó, Rui Gonçalves e Mónica Baldaque; Culturgest, Museu Nacional de Soares dos Reis
- 1998 *Graça Morais, Rostos da Terra*; F. Pernes, Sílvia Chicó e Rui Gonçalves; Ed. Cooperativa Árvore  
*Graça Morais, Painéis de Azulejo para a Estação de Belourusskaya*; João Pinharanda; Metropolitano de Moscovo
- 2000 *Graça Morais, Terra Quente, O Fim do Milénio*; António Carlos Carvalho; Ed. Gótica  
*Anjos da Montanha*; Júlio Moreira e Bernardo Pinto de Almeida; B. M. de Carrazeda de Ansiães
- 2001 *100 Quadros Portugueses do Séc. XX*; José Augusto França  
*Deusas da Montanha*; Nuno Júdice e Manuel H. Monteiro; C. C. Português, Instituto Camões, Paris  
*Terra Quente - Peinture et Dessin 1999-2001*; Francisco Bettencourt e Sílvia Chicó; Calouste Gulbenkian, Paris
- 2002 *A Idade da Terra*; Maria Velho da Costa; ed. Galeria 111, Quetzal Editores
- 2003 *A Terra e o Tempo*; Fernando Pernes e Ana Marques Gastão; Câmara Municipal de Aveiro
- 2005 *Visitação*; Manuel António Pina; Galeria 111
- 2005 *Graça Morais, Os Olhos Azuis do Mar*; António Mega Ferreira; Câmara Municipal de Sines
- 2005 *Uma Geografia da Alma*; vários autores; Edições Bial  
*Graça Morais, Retratos e Auto-Retratos*; Sílvia Chicó; Fundação D. Luís I; Cascais
- 2006 *A Pintura de Graça Morais como condição do Drama e da Fábula*; Cristina Tavares;  
Cordoaria Nacional/Colecção da Fundação Paço d' Arcos; CM Lisboa
- 2007 *Graça Morais: In Sofrimento*; José Vialle Moutinho; Museu Municipal de Coimbra
- 2008 *Graça Morais – Pinturas e Desenhos 1982 a 2005*; João Fernandes; CM Bragança/CACGM
- 2009 *Respiração Suspensa*; Manuel A. Pina; Catálogo da Exposição no DN e JN; Lisboa/Porto  
*A Máscara e o Tempo*; Pedro Caldeira Cabral; Galeria Ratton
- 2010 *Graça Morais, Retratos com Raízes*; Miguel Matos; Centro de Arte Manuel de Brito

#### FILMES

- 1997 *As Escolhidas* de Margarida Gil, baseado na obra de Graça Morais
- 1999 *Na Cabeça de uma Mulher está a História de uma Aldeia*  
Documentário de Joana Morais sobre a vida e obra de Graça Morais

# OLHAR GRAÇA MORAIS



# OLHAR GRAÇA MORAIS

*Sílvia Chicó, Colares, Agosto de 2010*

*Ao Fernando Pernes, grande crítico de arte e excepcional amigo, que tantas vezes guiou os passos dos artistas, e os meus na crítica, homenagem sentida, com muitas saudades do tempo em que assinalar a arte dos jovens (e não jovens), significava prazer e partilha, quando a promoção dos artistas era vista como missão generosa e desinteressada.*

Eis uma exposição resultante de parte da colecção de Mário e Maria Helena Roque, de obras da pintora Graça Morais. Revela-se um olhar sofisticado, que nos informa sobre o gosto do colecionador. O olhar de um médico, que se dedica agora à antiquária, de alguém que sempre gostou de se ver rodeado de objectos de arte. Mário Roque, médico radiologista em plena actividade profissional, tem igualmente dedicado o seu tempo ao restauro de património, através da recuperação de casas rústicas, trabalho em que tem obtido resultados surpreendentes. O seu gosto, o seu bom gosto, o requinte com que restaura as suas casas recuperadas, é assinalável. Seria bom que muitos arquitectos observassem o tratamento de interiores como o faz este médico...

Temos uma exposição que exhibe um aspecto da obra da artista, mas que mostra também a génese de uma colecção. Não esqueçamos que muitos museus têm origem no gosto específico de personalidades, das suas colecções, geralmente organizadas com base em critérios pessoais. Sobre esses critérios, que surgem por uma infinidade de razões, muito haveria a dizer. Sejam eles por pura vontade de investigação, por mero gosto pessoal ou ainda por espírito de colecionador em que, por vezes, a caça de peças idênticas se torna obsessiva, quase roçando o patológico. Pode ser também o resultado da junção de obras feitas por estudiosos, especializados em determinadas épocas, escolas ou estilos. Sem, por exemplo, Alfred Barr ou Jean Cassou, para dar apenas exemplos já históricos, que se ocuparam da arte do século XX, não existiriam os núcleos fundadores do MOMA ou Museu de Arte Moderna de Paris. São colecções que se organizaram em torno de ideias estruturantes da história da arte, reflectindo uma visão que não pode deixar de considerar-se autoral.

Vejam os pois esta colecção, tentando uma leitura de cada obra, para a qual escrevemos textos específicos, acompanhando cada imagem, em que se pretende alguma intenção pedagógica, a fim de poder funcionar para além do tempo da exposição, como que uma legenda alargada, para os fruidores da obra de Graça Morais – penso sobretudo nos estudantes – para que, depois da exposição acabada, estes pequenos textos possam operar como suporte informativo, para quem estiver interessado em conhecer parte do vasto universo pictórico de Graça Morais.

# 01

Vemos uma cabeça de mulher que nos olha frontalmente, dir-se-ia um *close-up* de uma imagem mais vasta. Esta pintura resume a especificidade do trabalho da artista: é figurativa, quase realista, mas não abdica de um enquadramento que tem origem na Nova Figuração (o figurativo e o abstracto em conjugação). A cara da mulher é claramente a de um modelo de mulher idosa transmontana, que a pintora tanto retrata. É um tema recorrente e preferencial na sua obra, espécie de homenagem a um paradigma feminino central na imagética da artista, que desde os anos oitenta decidiu documentar mas recriando, a vida da sua terra natal. Mas o seu olhar nada tem de naturalista ou de pitoresco: as suas imagens reflectem uma postura que se pode aproximar dos expressionismos, é pulsional. Muita da sua temática assume um pendor autobiográfico.

01. NATUREZA VIVA, 1996  
Acrílico, carvão e pastel s/ papel; 120,5 x 159 cm; assinado c.i.e. e datado 30.8.96 c.s.d.



## 02

Menina do Circo é uma obra de juventude, realizada durante a estadia da artista em Paris, inspirada num caso de obesidade mórbida, exibido como atracção de circo. Graça Morais, como muitos artistas dos vários realismos, ocupa-se muitas vezes de seres desprotegidos e infelizes, marginalizados pela sociedade. Esta imagem, realizada na juventude é premonitória do que a artista virá a fazer mais tarde, ao tomar como modelos as suas célebres velhas. O lado triste da vida, o sofrimento e a velhice, estiveram desde sempre presentes na obra da artista.





## 03

Uma cabeça clássica, símbolo da Grécia que se aprendia nas academias artísticas, retrato tipificado, que sobreviveu e frutificou durante séculos na arte ocidental. Aqui temos uma outra situação, obedecendo a outra lógica, mais perto das propostas surrealistas que das realistas. A cabeça dá-nos um olhar, quase vazio, que nos olha a nós. À sua frente, um elemento de outro código, um estranho objecto, à primeira vista difícil de identificar. Existe ambiguidade e convite à contemplação. Uma das riquezas de muitas obras da autora, que junta peças de diferentes puzzles, criando atmosferas em que o onírico se insinua, como neste caso, em que a invocação de De Chirico faz sentido.



## 04

Uma aguarela, em que um cão chamado Fadista é representado, um cão que existiu e foi modelo da pintora. É uma obra de dimensões pequenas, mas não é um estudo: existem dezenas, talvez centenas, de desenhos e pinturas, na obra da autora. O seu labor incessante dura há pelo menos quatro décadas. Desenhar, é como respirar, faz parte da natureza da artista. Neste caso, vemos um cão, um elemento circular lembrando um prato de cerâmica, e ainda um pequeno retrato de um homem. É o retrato de um criminoso retirado da imprensa, de um caso que impressionou a artista. Aparece como uma estampilha, quase podendo funcionar como assinatura. São temas amplamente desenvolvidos em outras séries, que aqui se juntam, num processo de convocação de experiências anteriores. Trata-se de uma combinação de códigos, de uma linguagem própria, pela autora inventada.



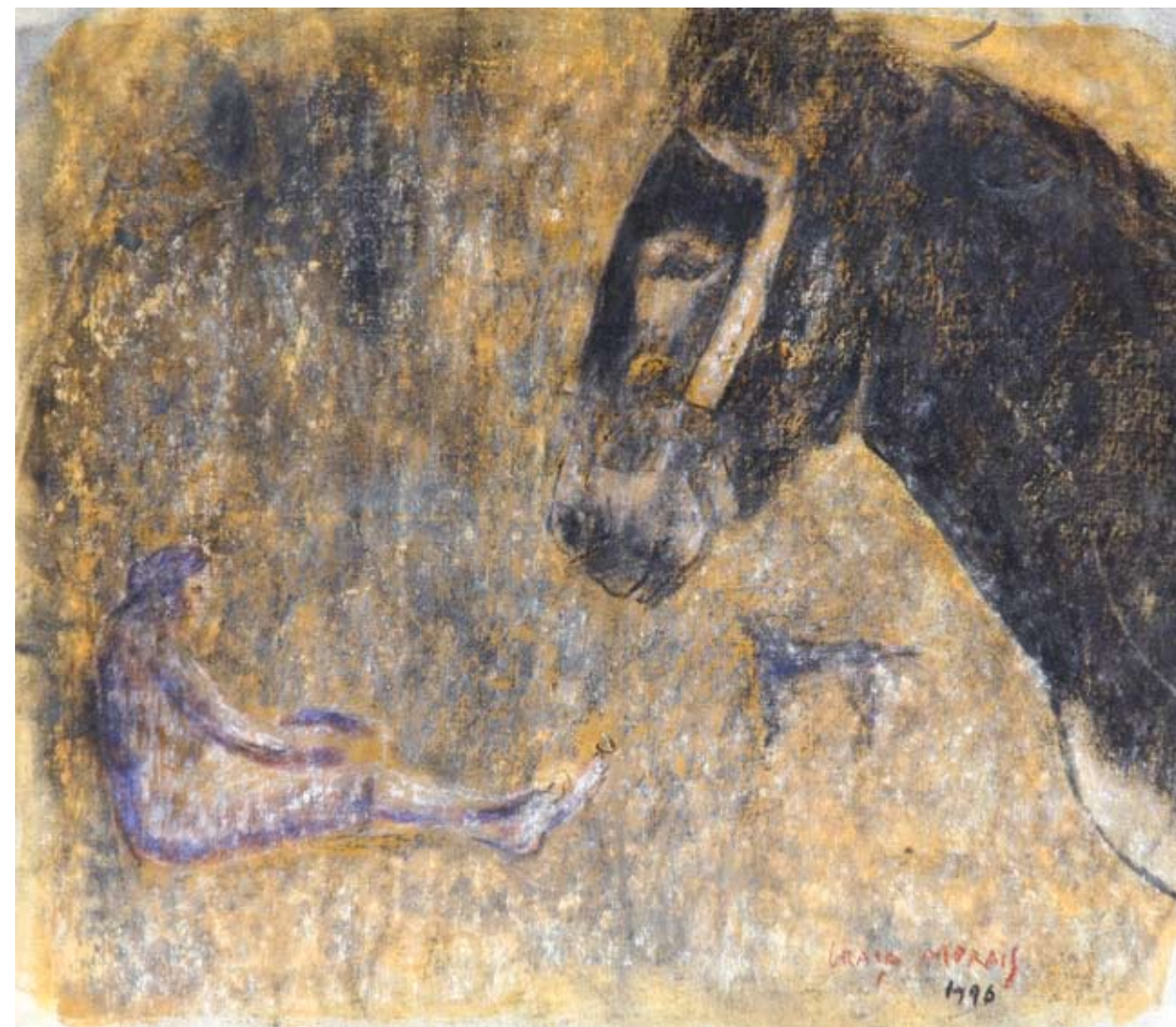
## 05

Um dos temas que marcam as primícias da constituição do universo temático de Graça Morais, é o tema da caça. Marca vivamente a invocação das práticas rurais e serve, simbolicamente, a múltiplas interpretações. A caça, a matança do porco, a violência destas práticas, são magistralmente invocadas em desenhos e pinturas do início dos anos oitenta. Mas se se caçam animais, os homens assimilam-se aos mesmos. E os animais simbolizam os homens com as suas virtudes e os seus defeitos. À maneira da Guernica de Picasso, obra visitada pela artista em Madrid em 1981, que muito a marcou. Mas a caça, os troféus da caça, podem ser também temas de natureza morta. Este desenho está entre essas duas situações: patas de animais suspensas na paisagem, ostentam um excelente domínio do desenho, criando uma insólita condição.



## 06

Um quadro em que se vê um burro e uma figura sentada. Uma obra, em que se joga com as diferentes escalas das figuras representadas. É mais um exemplo de descontextualização, recurso formal frequente em obras de carácter surrealizante. Estamos perante uma cena bucólica? O que fazem estas duas figuras, quem são? É nessa ambiguidade e capacidade de juntar numa mesma cena imagens de diferentes códigos, que reside a riqueza poética existente em tantas obras da autora.



06. JOAQUINA – UMA ESCOLHIDA, 1996

Acrílico, pastel e carvão s/ tela; 46 x 52 cm; assinado e datado 1996 c.i.d.

*Colecção particular.*

## 07

22 Uma tela em que a dramaticidade domina. Vemos figuras que protagonizam uma cena erótica, tendo em primeiro plano uma personagem, que parece surpreender a acção e uma outra, uma pequena figura, que parece independente do resto. O grau de ambiguidade aqui é máximo, é um dos quadros verdadeiramente significativos desta série da autora. É pelo desenho que se fundamenta esta cena, que mais do que explicitada, é sugerida. Interessa sobretudo a atmosfera criada, de grande intensidade dramática em que actos e atitudes contrastam. Como se alguém estivesse espreitando um acto amoroso, com toda a sua carga pecaminosa. O nome da série, “O Sagrado e o Profano” muito diz sobre o que pode ser uma experiência erótica, ligada à culpa e à condenação religiosa.



## 08

Uma obra de um ano particularmente rico em que Graça Morais, exímia desenhadora, se aventura na realização de obras de grande porte, agora em pintura. É um momento de passagem do desenho à pintura, que coincide com uma residência artística em Londres. Ainda se sente nesta obra uma construção que parte do desenho: as figuras são definidas pelos seus contornos. Neste momento, a pintora faz confluír figurações retiradas das suas representações anteriores em obras de particular intensidade, ganhando a sua pintura um carácter único em que a maturidade estilística da autora se afirma. Também aqui se vê o desenho servindo uma soberba representação dos corpos. Tema que aborda o erótico e o lado profano da religião, com os seus cerimoniais, algo que a pintora pôde testemunhar, conhecendo como conhece o lado pagão da religião transmontana, em que sobrevivem ritos de iniciação, ritos da primavera, etc, sabendo que o seu registo é urgente, pois a civilização e a inevitável modernização, tenderão a fazê-los desaparecer. Desde o início dos anos oitenta que a pintora elege definitivamente como tema a celebração da sua cultura local, num ponto do país que se sente à parte. Dizia-se: *Para cá do Marão mandam os que cá estão*. A cultura popular, algo independente e com as suas características sociais e religiosas, a força das mulheres que em tempos de grande emigração aguentavam as casas e asseguravam as culturas agrícolas, foi algo que Graça Morais quis testemunhar através da sua obra. As suas personagens são gente humilde, cuja força de carácter continuamente homenageia. Pode pensar-se que com este programa iria acontecer uma obra com características naturalistas ou realistas, mas a pintora soube criar uma linguagem em que esses sinais estando presentes, funcionam por alusão conferindo à obra um valor de ambiguidade passível de múltiplas leituras. É o caso desta composição em que se cruzam representações de corpos, aludindo uma velada sexualidade, apenas decifrável por ambígua representação de sexos.

08. O SAGRADO E O PROFANO II, 1987  
Óleo s/ tela; 100,4 x 133,2 cm; assinado e datado 1987 em baixo ao centro.



## 09

Desenho de celebração de uma estação do ano, desenho que a artista realiza como quem faz um diário. Este desenho, grácil e quase ligeiro, representa bem o registo de elementos naturais que sempre existiram na obra da pintora. Recupera-se um labor quase feminino, que em tantas artes decorativas se pode encontrar, afirmando a delicadeza do gesto, recorrendo à simplicidade, sem pudor, nem medo de confusão com academismo. Estes desenhos constituem também uma fonte temática que a autora irá explorar, descontextualizar e usar à *outrance*, em conjugação, por exemplo, com uma linguagem expressionista se lhe for necessário. Essa capacidade de leveza, que vem também a reflectir-se em muitas aguarelas e ilustrações de obras literárias, denotam o virtuosismo e a maturidade pictórica de uma pintora que desde cedo se revelou mestre do desenho.



## 10+11

<sup>28</sup> Duas pinturas do tempo em que a artista resolveu pintar em panos de estopa já “pintados” pelo uso. As manchas decorrentes da utilização na recolha da azeitona formaram a base, o “chão sagrado” com que a artista uma vez mais homenageia o labor rural dos seus conterrâneos. Um grande pano que pode funcionar como uma tela, e que, como tela passou a ser usado. Nesta atitude uma memória do Informalismo Matérico? Quem pode ignorar a poética de Tàpies? Estas formulações têm consequências em obras de grande porte, que veremos depois na obra da autora.

## 12+13

Outras pinturas em que a da esquerda nos mostra um anjo barroco segurando uma figura. Permanece a ambiguidade, que é convite claro à interpretação característica que se pode considerar estilística na obra da autora, nela residindo uma das suas principais riquezas.

## SÉRIE II

## GEOGRAFIAS DO SAGRADO





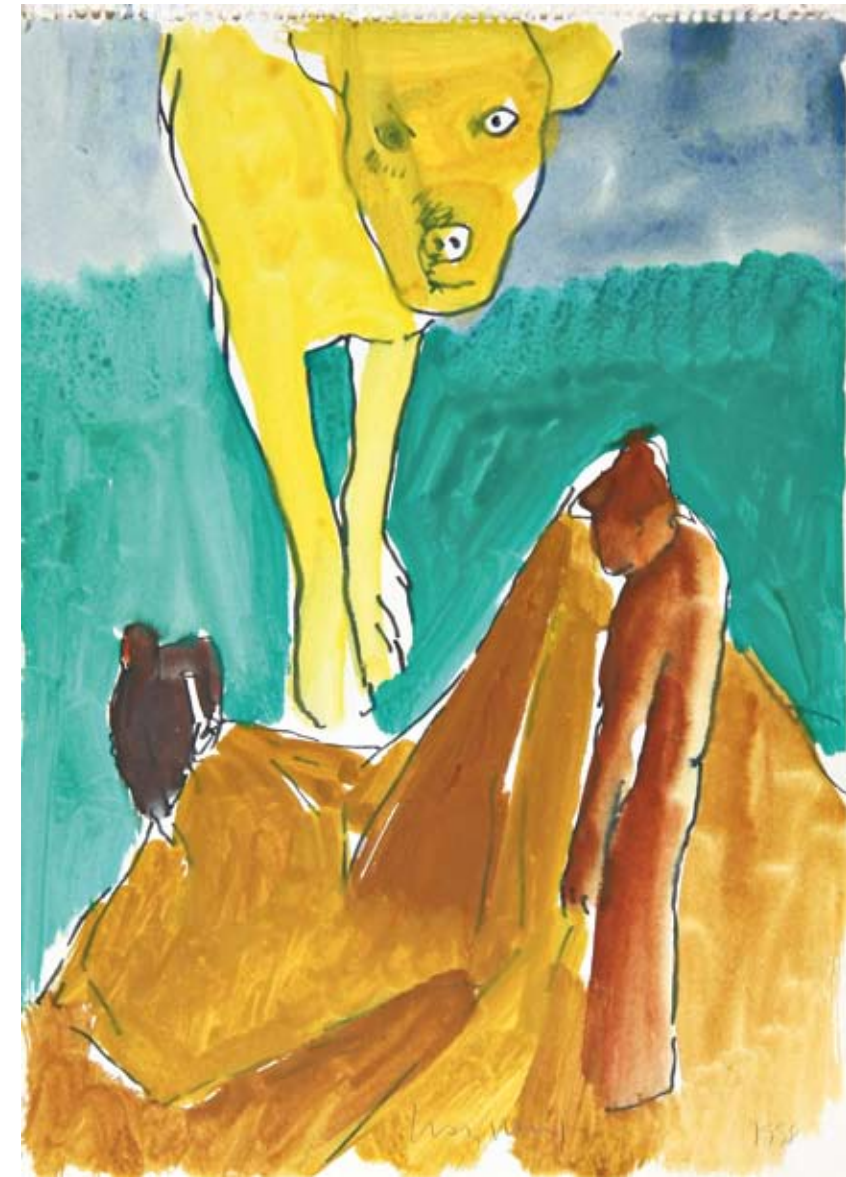
10. GEOGRAFIAS DO SAGRADO I, 1998  
 Gouache e caneta de feltro s/ papel; 29,5 x 21 cm; assinado c.i.d. e datado 1998 c.i.e.



11. GEOGRAFIAS DO SAGRADO II, 1998  
 Gouache e caneta de feltro s/ papel; 42 x 30 cm; assinado e datado 1998 c.i.d.



12. GEOGRAFIAS DO SAGRADO III, 1998  
Gouache e caneta de feltro s/ papel; 41,7 x 29,5 cm; assinado e datado 1998 c.i.d.



13. GEOGRAFIAS DO SAGRADO IV, 1998  
Gouache e caneta de feltro s/ papel; 42 x 30 cm; assinado em baixo ao centro e datado 1998 c.i.d.

## 14

Esta cabeça alude sem dúvida a um tema caro à artista: a velhice. Pode dizer-se que Graça Morais homenageia os velhos e os anónimos, os rostos do povo que ninguém celebra ou exalta. Fernando Pernes, o crítico que mais lucidamente entendeu a obra de Graça Morais refere: *A velhice que desce sobre o mundo*, em texto sublime que talvez tenha ajudado a definir as premissas estéticas, e quiçá, o desenvolvimento da obra da autora. Aqui vemos um rosto já deformado, uma pele escura, mas, curiosamente, uma pose majestosa. Essa é a mensagem: encontrar beleza na aparente fealdade, chamar a atenção, não apenas para os humilhados e ofendidos, mas para o povo visto no máximo da dignidade. Nesse aspecto, a obra de Graça Morais é profundamente original. A sua mensagem passou e é reconhecida.

### 14. METAMORFOSES III, 2001

Aquarela, tinta-da-china, sépia e goma laca s/ papel; 26,8 x 19,7 cm; assinado e datado 7.viii.001 c.i.d.

Figurou na exposição "Graça Morais – A Terra e o Tempo. Pintura e Desenho 1987/2003", Museu da República, Aveiro 2003 (cat. p. 83).



## 15+16

Em 2005 Graça Morais empreende mais uma aventura: a da observação do povo pescador, desta vez em Sines. A pintora instala-se por um tempo perto da faina da pesca, captando os gestos e as movimentações dos pescadores. E, mais uma vez, aí descobre a grandeza inerente a uma profissão ancestral. Os homens, as redes, mas também os pássaros. Gaivotas que sempre estão por perto, completam a paisagem onde o mar azul é o grande protagonista.

## 17+18

Dois modelos que a artista leva para o seu atelier de Sines: dois peixes que agora são estudados, como já o foram a perdiz e o gafanhoto. Uma cabeça de peixe que contém uma forte expressividade. Bocas abertas e olhos enormes. Se fossem rostos, seriam rostos expressionistas.

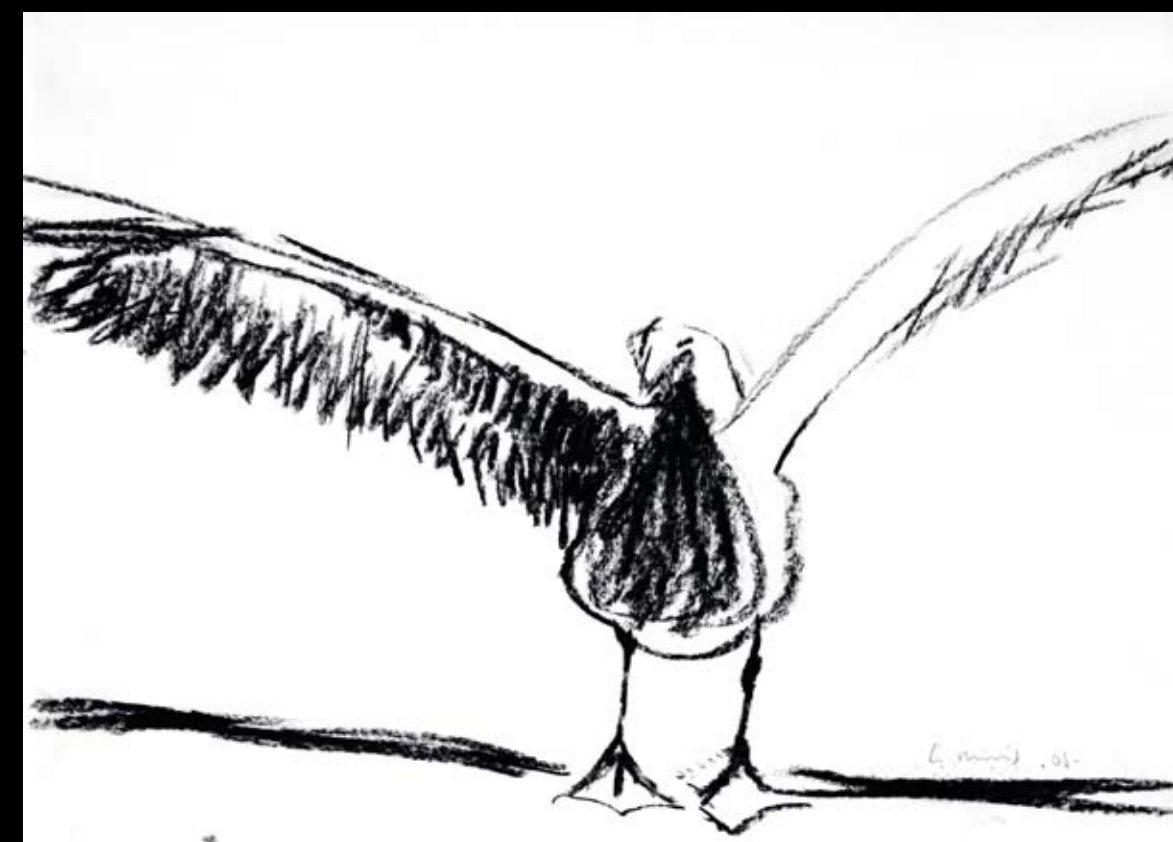
## SÉRIE

## OS OLHOS AZUIS DO MAR



15. OS OLHOS AZUIS DO MAR I, 2005  
Carvão s/ papel; 29,5 x 41,8 cm; assinado e datado 05 c.i.d.

*Figurou na exposição "Os olhos Azuis do Mar",  
Centro de Arte de Sines, Sines 2005.*



16. OS OLHOS AZUIS DO MAR II, 2005  
Carvão s/ papel; 29,5 x 41,8 cm; assinado e datado 05 c.i.d.

*Figurou na exposição "Os olhos Azuis do Mar",  
Centro de Arte de Sines, Sines 2005.*



17. Os OLHOS AZUIS DO MAR III, 2005  
Pastel s/ papel; 32 x 24 cm; assinado e datado 26.x.05 c.i.d.



18. Os OLHOS AZUIS DO MAR IV, 2005  
Pastel s/ papel; 32 x 24 cm; assinado e datado 26 x 05 em baixo ao centro.

# 19

Este quadro é talvez o principal da exposição. O tema difere das cenas de faina campestre. Mas, se nas anteriores, encontramos simbioses entre homens e bichos – bovinos por exemplo, e por herança picasseana – aqui surgem os peixes e as gaivotas antropomorfizadas. Duas pequenas figuras do lado esquerdo do quadro evocam os emigrantes que a pintora vira partir para o Brasil. Mesmo fora do contexto transmontano invoca-se sempre a dureza da vida, o drama da emigração. A Menina Gaivota é um pássaro com cabeça humana, cabeça essa que engole um peixe. Ao fundo, um barquinho. Uma figura serena, lembrando as personagens de António Dacosta. Num mesmo quadro a pintora conjuga uma série de situações. Embora o mar seja o pano de fundo, os dramas humanos permanecem.

19. A MENINA GAIVOTA EM DIAS DE NEVOEIRO, 2005  
Pastel e carvão s/ papel; 120 x 160 cm; assinado e datado 2005 em baixo ao centro.

Figurou na exposição "Os olhos Azuis do Mar", Centro de Arte de Sines, Sines 2005 (cat. p. 49).



## 20

— 44 — Uma cabeça de galo pequeno. Os modelos de Graça Morais são vários e neles é frequente a presença de animais. Talvez se trate de um exercício de estilo ou, simplesmente, de um trabalho para cultivar a disciplina da observação, que está para os pintores como a corrida está para os atletas. Faz-se para não perder a mão, mas também por puro prazer. Para quem, como Graça Morais, não consegue deixar de desenhar e pintar.





## 21+22

Dois tordos, pequenos troféus de caça. Mais um exemplo do que atrás foi dito. A relação com os animais e a natureza uma vez mais presente. De notar como é sublinhada a fragilidade de um pássaro morto. Simbolizando algo? Talvez...

21. PEQUENO TROFÉU DE CAÇA I, 2006  
Aguarela e tinta-da-china s/ papel; 30 x 42 cm; assinado e datado vi.viii.vi em baixo ao centro.

22. PEQUENO TROFÉU DE CAÇA II, 2006  
Aguarela e tinta-da-china s/ papel; 30 x 42 cm; assinado e datado 2.viii.06 em baixo ao centro.



# 23

Decorrem estes desenhos de uma situação em que a pintora estava a observar duas mulheres conversando. Essas mulheres eram a sua mãe e uma amiga desta. Imaginou-as como pássaros e produziu estes desenhos. Estes trabalhos muito dizem da sua vasta simbiose formal entre animais e humanos, tema que lhe é caro. Estas obras são uma graça: podem lembrar-nos o Papagueno e a Papaguena da Flauta Mágica de Mozart. Obra aparentemente despretensiva, revela a capacidade de num momento transformar os seus modelos, alterando-lhes a identidade...

# 24+25

Duas cabeças algo enigmáticas, vistas em *plongé*. Figuras cujos olhos não se percebem. O turbante, a coifa ou o lenço, podem ler-se quase como uma representação do cérebro. Mais uma vez a ambiguidade que ultrapassa todas as classificações possíveis, denotando mestria e liberdade, passíveis de ultrapassar o espectável.

# 26

Uma variante de um tema eleito da autora. O retrato de modelos de mulheres velhas que se assemelham a bichos. Mas estas simbioses na obra de Graça Morais nunca tendem a denegrir ou ridicularizar os modelos. Bem pelo contrário: é como se estas mulheres ganhassem as qualidades e a força dos animais com os quais a pintora as cruza ou confunde. O processo mágico-simbólico da máscara é convocado nestas figurações. A exaltação deste tipo de tema – a cabeça das mulheres velhas – é um mote maior e quase inesgotável na obra da autora. Os seus auto-retratos e a aproximação destes dos de sua mãe, que continuamente exalta e homenageia, muito dizem sobre a pessoa da autora, da sua afectividade e ligação ao mundo materno.

# 27

Retrato em *close-up* de uma mulher cujo olhar se torna insólito: a pupila do olho direito é enorme, o rosto está coberto de traços que sugerem pêlos, como se a mulher se estivesse a transformar em bicho. São traços de grande dinamismo, quase de raiva, como a desfazer o retrato. Mas ao desfazê-lo, confere-lhe uma rara pujança, que mais uma vez remete a obra para um registo expressionista. Pontuam a obra toda de Graça Morais estes actos em que a pintura, com as lógicas formais que uma linguagem plástica carrega, afirma a profunda originalidade e a certeza de uma voz própria, que a artista ao longo do seu intenso labor soube construir. E que a tornam inconfundível.

# 28+29

Um pássaro morto, uma perdiz, objecto de particular significação afectiva, recordando uma oferta do pai da artista. O pássaro que ao ressuscitar, o seu bico é transformado em nariz. Quantas pessoas conhecemos que têm cara de pássaro? E quantas outras enxergamos que têm cara de outros bichos, de macacos, por exemplo. Picasso, num dos seus últimos auto-retratos, já perto da morte, representa-se quase como um macaco. A metamorfose pode relacionar-se com a velhice, com a integração num vasto mundo animal, ao qual o homem regressa. Essa noção está certamente presente na obra de Graça Morais.

## SÉRIE

## DIÁLOGOS COM A TERRA



23. DIÁLOGOS COM A TERRA – CONVERSAS COM TEMPO, 2006  
Tinta-da-china e sépia s/ papel; (4x) 20 x 28,5 cm; assinados e datados 19.2.06.

Figuraram na exposição "Diálogos com a Terra", Galeria Ratton, Lisboa 2006.  
Reproduzidos na revista Egoísta, Ed. Especial "Paz", Dezembro 2009 (p. 204, 205 e 206).



24. DIÁLOGOS COM A TERRA – SEM TÍTULO I, 2006  
 Acrílico, aguarela e tinta-da-china s/ papel; 30 x 42 cm; assinado e datado 21.2.06 c.i.d.

*Figurou na exposição "Diálogos com a Terra", Galeria Ratton, Lisboa 2006.*



25. DIÁLOGOS COM A TERRA – SEM TÍTULO II, 2006  
 Acrílico, aguarela e tinta-da-china s/ papel; 41 x 29 cm; assinado e datado Fev. 2006 c.i.d.

*Figurou na exposição "Diálogos com a Terra", Galeria Ratton, Lisboa 2006.*



26. DIÁLOGOS COM A TERRA – METAMORFOSES I, 2006  
Acrílico, aguarela, tinta-da-china e sépia s/ papel; 19,6 x 19,6 cm; assinado e datado 25.11.06 c.i.e.

Figurou na exposição "Diálogos com a Terra", Galeria Ratton, Lisboa 2006.  
Reproduzido na revista Egoísta, Ed. Especial "Paz", Dezembro 2009 (p. 196).



27. DIÁLOGOS COM A TERRA – METAMORFOSES II, 2006  
Acrílico, tinta-da-china e sépia s/ papel; 19,6 x 19,6 cm; assinado e datado 25.11.06 c.i.d.

Figurou na exposição "Diálogos com a Terra", Galeria Ratton, Lisboa 2006.  
Reproduzido na revista Egoísta, Ed. Especial "Paz", Dezembro 2009 (p. 198).



28. DIÁLOGOS COM A TERRA – SEM TÍTULO, 2006  
 Aguarela, tinta-da-china e grafite s/ papel; 29,3 x 41,7 cm; assinado e datado 21.2.06 c.i.d.

*Figurou na exposição "Diálogos com a Terra", Galeria Rattton, Lisboa 2006.  
 Reproduzido na revista Egoísta, Ed. Especial "Paz", Dezembro 2009 (p. 202).*



29. DIÁLOGOS COM A TERRA – OUTRA METAMORFOSE, 2006  
 Aguarela, tinta-da-china e sépia s/ papel; 29,6 x 20,8 cm; assinado e datado 20.2.06 c.i.d.

## 30

Um trabalho recente, uma pose que podia ser de um impressionista, um rosto atento a algo, apoiado na mão. Uma mulher a ouvir uma conversa à lareira? Mais uma vez um retrato, sem medo que o pendor naturalista venha desvirtuar o estilo da pintora. Um dos milhares de retratos deste tipo de mulheres, que a artista tem vindo a produzir, trazendo luz para a vida simples da gente do campo. E essa simplicidade é elogiada em obras como esta.



## 31

Um desenho do ano em que a pintora inicia o seu programa de “regresso às origens” depois de uma estadia em Paris. Está-se no início da década de oitenta, em que as identidades nacionais e as culturas locais se valorizam. A Europa cansada da hegemonia americana na política das artes, exhibe orgulhosa a sua antiguidade. Tratou-se de um momento de viragem e de regresso à pintura, depois de um excesso de arte conceptual. Nesse momento, e estando bem informada das *démarches* dos artistas, Graça Morais instala-se na sua terra natal, iniciando um processo que viria a ser crucial para a sua actividade de pintora. Este retrato, em que uma cabeça de mulher se conjuga com um vegetal, apesar de ser um desenho com características muito realistas, contém já as premissas estilísticas reveladas no futuro.

## 32+33

Dois retratos de mulher, exibindo os seus penteados. Os cabelos longos são apanhados formando um corucho, termo transmontano, designando um *chignon* ou um carrapito. Penteado elaborado que corresponde a uma tradição e a uma cultura. Típico de uma moda antiga que pelos penteados se identificavam as mulheres. Estes dois quadros pertencem a uma vasta série em que a artista se dedicou a retratar estes penteados, no intuito de preservar imagens que tendem a desaparecer, com a inevitável modernização e influência das modas urbanas.







32. NA CABEÇA DE UMA MULHER ESTÁ A HISTÓRIA DE UMA ALDEIA I, 2006  
Óleo, pastel e carvão s/ tela; 60 x 73 cm; assinado c.i.d. e datado 06 no verso.



33. NA CABEÇA DE UMA MULHER ESTÁ A HISTÓRIA DE UMA ALDEIA II, 2006  
Acrílico s/ tela; 33 x 41,2 cm; assinado c.i.d. e datado 06 no verso.

*Colecção particular.*

# 34

64 Aqui temos um retrato de uma *Mater Dolorosa*, correspondendo a um paradigma, numa sociedade em que as mulheres são as mais sacrificadas e sobre elas se exerce a discriminação e a maldade do mundo. Uma figura que poderia ser de uma pintura religiosa. Não esqueçamos que Graça Morais observou e retratou muitos santos de altar, deles recolhendo fortíssima inspiração. Essas imagens, quase ingênuas, contêm a influência do barroco português. Nelas os santeiros dão largas à imaginação, como acontece frequentemente em muita arte não erudita.

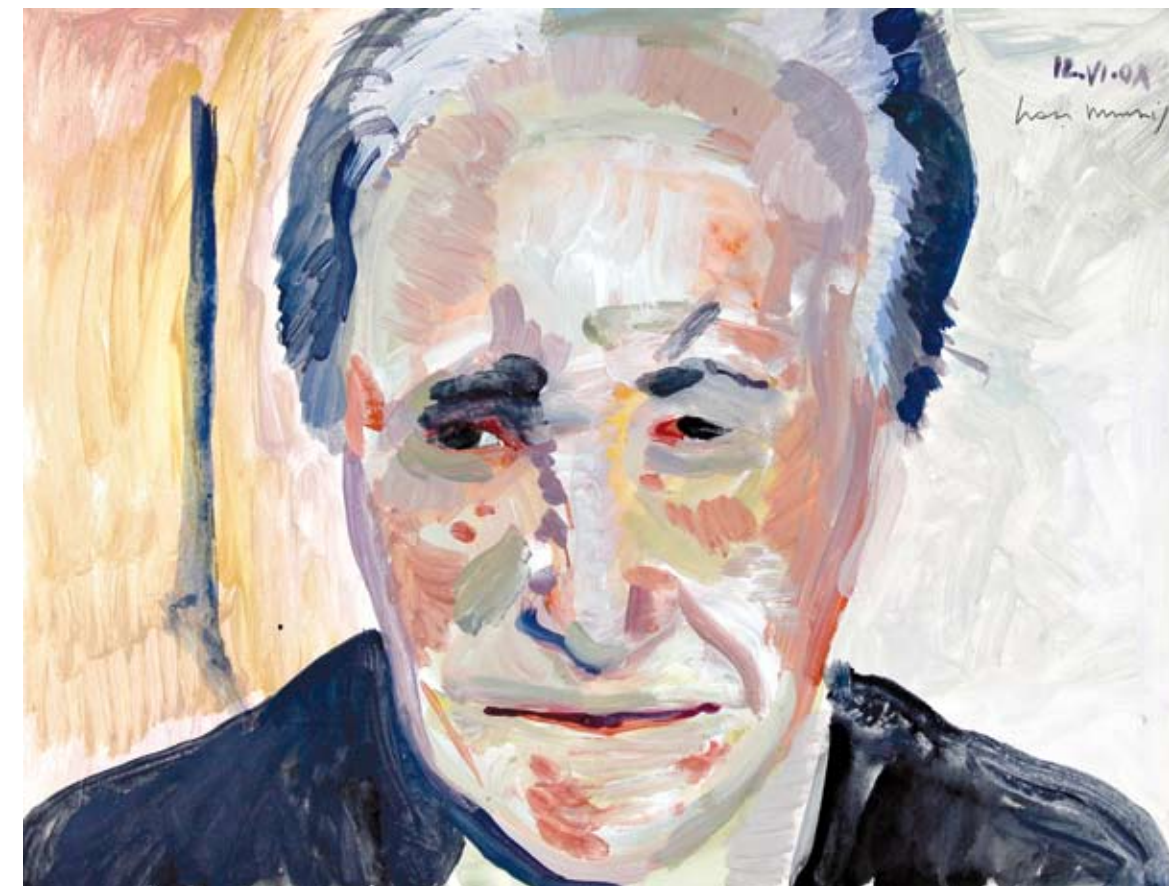
34. IN SOFRIMENTO V, 2007  
Acrílico, pastel e carvão s/ tela; 81 x 100 cm; assinado e datado 07 c.s.e.

Figurou na exposição "Graça Morais – In Sofrimento", comemorativa do Centenário do Nascimento de Miguel Torga, Museu Municipal, Coimbra 2007 (capa de cat. e p. 25).



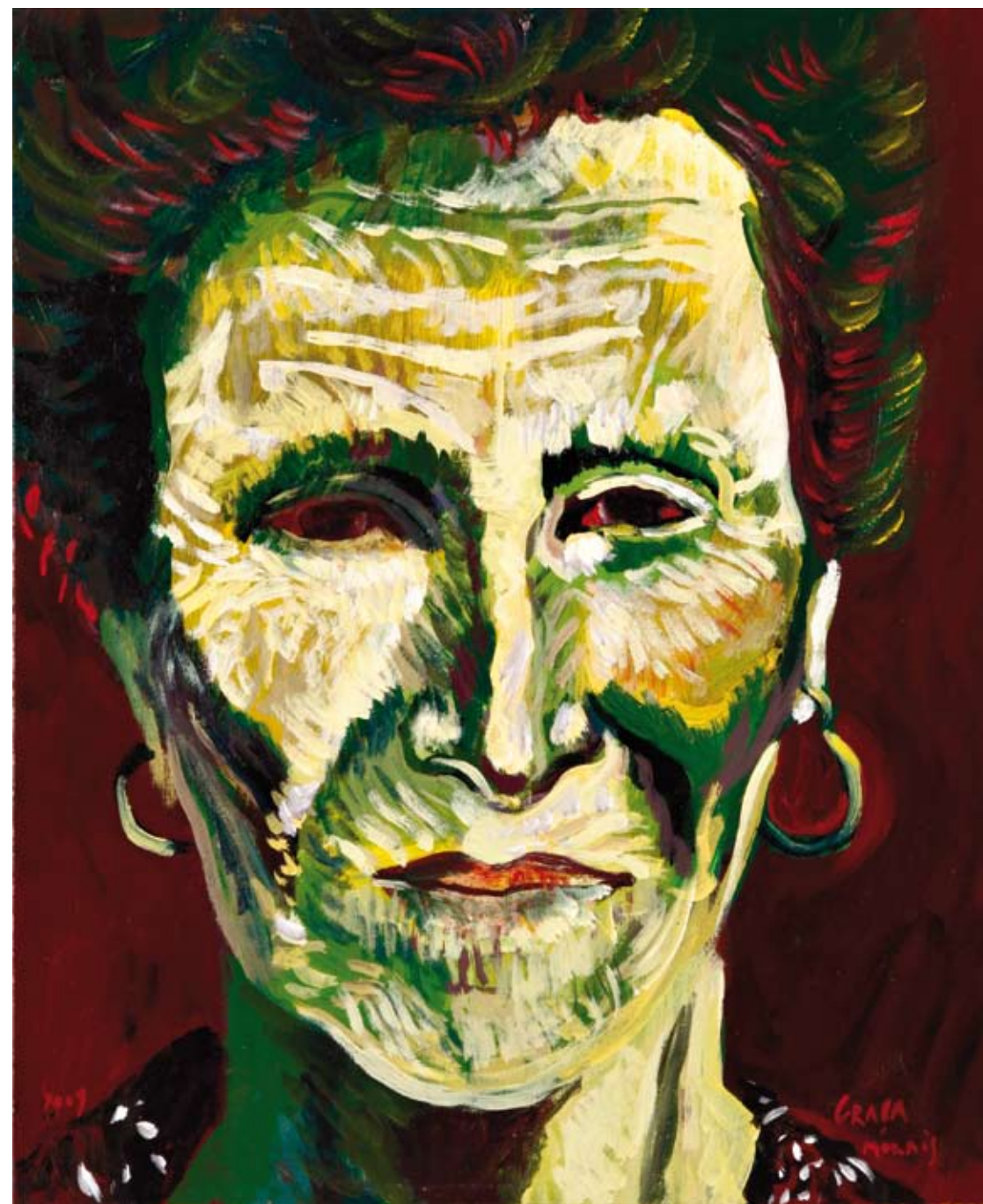
# 35

66 Outro, (quantos haverá?) retrato de uma mulher idosa. Um tema perseguido, uma pontuação do tempo, na recolha dos retratos que por vezes se confundem com os auto-retratos da autora. Vários pintores o fizeram, pensemos apenas em Rembrandt, que exerceu o máximo de objectividade na captação dos seus traços.



# 36

68 Pensar em Van Gogh, que sublinhava os volumes representados com traços paralelos, em pinceladas que funcionam como signos. Van Gogh um dos “pais” do Expressionismo ao qual tanto se liga a obra da autora, e de outros artistas dos anos oitenta. Um rosto popular, com as típicas arrecadas, um rosto quase másculo, dizendo da força da mulher retratada.



36. A PENSAR EM VAN GOGH, 2009  
Acrílico s/ tela; 46 x 38 cm; assinado c.i.d. e datado 2009 c.i.e.

## 37+38

— 70 — Duas aguarelas, que poderíamos chamar rituais, a celebrar a primavera deste ano de 2010. Um desenho grácil que não desaparece nunca dos formulários da artista.

37. PRIMAVERA I, 2010  
Aguarela e grafite s/ papel; 30 x 40 cm; assinado e datado 12.6.010 c.i.e.

*Colecção particular.*

38. PRIMAVERA II, 2010  
Aguarela s/ papel; 30 x 40 cm; assinado e datado 2010 c.i.d.





39. ALHO FRANCÊS PARA A SOPA DO MÁRIO ROQUE, 2006  
 Aguarela s/ papel; 23 x 32 cm; assinado e datado Eugária 13.Ag.06 em baixo ao centro.

*Colecção particular.*

*Desenho de férias, em que a artista, mesmo fora do seu atelier não prescinde de pintar e desenhar. Mais uma graça de Graça, que ao amigo oferece esta recordação, do verão de 2006 (Silvia Chicó).*



A MENINA GAIVOTA EM DIAS DE NEVOEIRO § PORMENOR





São Roque

ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE

RUA DE S. BENTO, 199B, 1250-219 LISBOA **T+F** 213 960 734 **T** 962 363 260 **E** ANTIGUIDADESSROQUE@SAPO.PT **S** WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM